

Fotos: Carlos Vieira/CB/DA Press.



Gicelle Damasceno comemorou os seus 40 anos com amigos na folia do Eixão



O Bloco Maria Vai Casoutras foi a atração pré-folia no Parque da Cidade

# Sol de alegria, CHUVA DE CONFETE!



A norte-americana Andrea Henson, apaixonada pelo carnaval brasileiro



Davi Bessa (D), recém-chegado à cidade, e o amigo bancário Luis Seixas



Nilza Oliveira (D) afirma que estar no carnaval é terapêutico



NO EIXÃO NORTE E NO PARQUE DA CIDADE, O DOMINGO QUENTE REUNIU O DESFILE DE ALEGORIAS E SONS DIVERSOS DE BLOCOS PRÉ-CARNAVALESCOS

» RICARDO DAEHN

“Brasília evoluiu muito e o carnaval daqui começa a ter uma cara. Há a junção dos ritmos: choro, frevo, e muitas coisas clássicas: quer dizer, abraça muitos gostos e de todos os lugares do país”, opinou a cantora Clara Teles, 32 anos, desde os 8 na capital. Ela viu triplicar, diante de seus olhos, o número de frequentadores do projeto Choro no Eixo (na Asa Norte), ontem, com pré-carnaval à tarde e no qual passaram atrações como Márcio Marinho, Instituto Folha Seca e Cristiano e Banda Frevo (com músicos do tradicional Galinho). Cantora de MPB, Clara definiu o gosto de ver a alegria se espalhar na rua: “Todos estão juntos: crianças, jovens, idosos e pessoas em situação de rua. É tudo muito democrático”. Ao lado da amiga Clara, a servidora pública Sheila Andrade, 46, dava as coordenadas para “as coisas diferentes, com o carnaval”. “Tudo é colorido e traz somente diversão. Carnaval é a identidade do Brasil — é tudo. É quase a nossa alma, faz parte da gente e está no sangue”. Marido de Sheila, o analista de sistemas Cristiano Silva viu os filhos Victor Hugo e Andrew David serem criados na festa do Galinho (que saía da 102 Sul). “Nem sempre um lugar movimentado e cheio de gente fica agradável como aqui. Cada vez mais, vemos que não se precisa mais de sair da capital. Aqui é completo, com vários bloquinhos”, avaliou.

A chegada, no mesmo local do gramado da concentração no projeto de choro no Eixão, do bloco Espreme a Pitanga (que saiu da 206 Norte) confirmava a percepção de difusão e integração de blocos. Maxixe, fanfarras e marchinhas fizeram a festa dos foliões. O percussionista André Negão aderiu ao corpo de

músicos pela primeira vez e estava entusiasmado. “A música está me ajudando a ficar forte, fiquei cego há seis anos. Agora, notei a adesão de jovens músicos da UnB aqui. Tem uma molecada de 20, 30 anos tocando músicas centenárias! Há esperança, ainda”, avaliou.

Descoberta também veio para David Bessa, 24, bancário e mestre em física, recém-chegado à capital, e que foi, sob indicação de novas colegas, ao reduto de choro, ao lado do amigo Luis Seixas, 31, que confirmou a surpresa com o pré-carnaval. “Conheço o carnaval do Rio, de Salvador, e o de Brasília não fica muito atrás”, disse Luis. David estava feliz com duas “tranqueiras” que trouxe direto de Fortaleza: uma longa saia vermelha e a tiara de diabinho. “Comprei o vestido num brechó, por R\$ 3 (risos). Com 1,87 metro, quase não acho calça para mim, que dirá, saia que cubra até os pés”, divertiu-se. Depois de se embrenhar pela pré-festa, no Suvaco da Asa, ele acumulou histórias para contar para a namorada, Mariana. “Brasília tem espaços propícios para os bloquinhos estáticos, com ocupação de lugares bem bacanas. Aqui fica a sensação de tudo, no carnaval, ser um festival cultural”, avaliou.

Uma foliã especial foi Gicelle Damasceno que, no evento, celebrou os 40 anos rodeada de amigos: “Entre para os ‘enta’: hoje, fiz 40, quem sabe vou aos 100?”. Mãe de um menino de 1 ano e meio, o pequeno João, ela aproveitou, de dia, o “vale night”, normalmente, curtido com o marido, Bernardo, em sambas. Cria da Ceilândia, Gicelle, pelo estado de euforia, se dizia “o próprio carnaval”. Amigas de infância, as irmãs ambulantes Priscila e Robeta Ribeiro vieram prestigiar a festa, deixando o dia de vendas de lado. Tocadora de instrumentos de

percussão, Gicelle comentou: “Carrego sempre comigo os instrumentos, sou da xepa (nos blocos, toca até o fim), mas, hoje, deixei de lado para receber os abraços.

## Participação feminina

Desde 2013 presente na capital, o bloco Maria vai Casoutras foi atração, pela segunda vez, no Parque da Cidade (no estacionamento 11), ontem, havia estimativa da organização de atrair 6000 pessoas. Logo de cara, vieram as apresentações do Maria Kids, com recreação e repertório infantil. O axé instrumental do Patubate ainda acolheu o colorido e o som retumbante do Batalá. Uma novidade foi a participação do Bandão das Marias, composto de mulheres com aprendizado musical recente. A tarde e a noite tiveram um gigante detalhe: toda a sonoridade foi garantida e dominada por mulheres.

Pela quarta vez no país, a DJ e assessora de transições financeiras norte-americana Andrea Henson, 30 anos, era pura satisfação com o pré-carnaval. “É fantástico, espetacular, adorei as fantasias e a vivência cultural do Brasil. Conheço 26 países, e vocês são o meu povo mais querido. Fui para a Chapada dos Veadeiros, para SP, RJ e Belo Horizonte, aqui. Aqui vejo a plena liberdade; enquanto meu país está desmoronando”, avaliou.

“Estar no carnaval é uma terapia para mim, quando minhas amigas chamam”, observou a auxiliar de costura Nilza Oliveira, 60 anos. No grupo estavam o analista Felipe Reis e a mãe dele, Consolata, 60, além da enfermeira Ivonete Souza, 55, e a amiga Sueli Rosa, 64. “É a primeira vez que venho. Estou curtindo muito, adorando. Já fui casada, e há cinco anos estou viúva. O carnaval é a liberdade”, concluiu Sueli.



Batuque e recreação infantil também tiveram vez na folia de domingo



Clara Telles (tatuagem) e o casal Cristiano Silva e Sheila Andrade: junção de ritmos